

A MÍSTICA NA FORMAÇÃO VIA ALTERNÂNCIA: A experiência da Escola Família Agrícola Rosalvo da Rocha Rodrigues - EFAR

Ricardo Pereira Alves¹

Resumo

O objetivo do artigo é compreender as possibilidades da mística como instrumento pedagógico da formação via alternância realizada na EFAR. Neste sentido, partimos nosso estudo das seguintes problemáticas: o que é mística? Quais os sentidos e significados deste instrumento na formação realizada na EFAR? O processo de análise ocorreu a partir de revisão bibliográfica, análise de imagens de experiências da utilização deste instrumento no cotidiano da escola e entrevistas. Para tanto, foram entrevistados seis egressos e três representantes que participaram do processo de criação e constituição da escola. Os resultados apontam que a mística é um instrumento pedagógico que contribui na formação integral do jovem, na sua identidade enquanto jovem camponês, na capacidade crítica, consciente e reflexiva, perante os movimentos intencionais do capitalismo na sociedade e das consequências desse processo. Conclui-se que a mística contribui na formação de preparação para a vida, na utopia, em transformar o que se sonha em uma ação consciente.

Palavras-chave: Escola Família Agrícola; Alternância; Mística; Sentidos e Significados.

THE MYSTIC IN TRAINING VIA ALTERNANCE: The experience of the Rosalvo da Rocha Rodrigues Family Agricultural School - EFAR

Abstract

The objective of the article is to understand the possibilities of mystique as a pedagogical tool for training via alternation carried out at EFAR. In this sense, we start our study from the following problem: What is mystique? What are the senses and meanings of this instrument in the training carried out at EFAR. The

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) em 2023 e licenciado em Educação Física pela Universidade Unigran capital (2014). Professor da rede municipal de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5427-0431>. E-mail: rpasidro@gmail.com.

analysis process was based on a bibliographical review, analysis of images of experiences using this instrument in the daily life of the school and interviews. For that, six graduates and three representatives who participated in the process of creation and constitution of the school were interviewed. The results point out that mystique is a pedagogical instrument that contributes to the integral formation of the young person, in his identity as a young peasant, in the critical, conscious and reflective capacity, before the intentional movements of capitalism in society and the consequences of this process. It is concluded that the mystic contributes to the formation of preparation for life, in utopia, in transforming what is dreamed into a conscious action.

Keywords: Agricultural Family School; Alternation; Mystic; Senses and Meanings.

LA MISTICA EM EL ENTRENAMIENTO VIA ALTERNANCIA: La experiencia de la Escuela Agrícola Familiar Rosalvo da Rocha Rodrigues - EFAR

Resumen

El objetivo del artículo es comprender las posibilidades de la mística como herramienta pedagógica para la formación en alternancia realizada en la EFAR. En este sentido, partimos de nuestro estudio a partir del siguiente problema: ¿Qué es la mística? Cuáles son los sentidos y significados de este instrumento en las capacitaciones realizadas en EFAR. El proceso de análisis se basó en una revisión bibliográfica, análisis de imágenes de experiencias de uso de este instrumento en el cotidiano de la escuela y entrevistas. Para ello, se entrevistaron a seis egresados y tres representantes que participaron en el proceso de creación y constitución de la escuela. Los resultados apuntan que la mística es un instrumento pedagógico que contribuye a la formación integral del joven, en su identidad como joven campesino, en la capacidad crítica, consciente y reflexiva, ante los movimientos intencionales del capitalismo en la sociedad y las consecuencias de este proceso. Se concluye que la mística contribuye a la formación de preparación para la vida, en la utopía, al transformar lo soñado en acción consciente.

Palabras clave: Escuela de Familia Agrícola; Alternancia; Místico; Sentidos y significados.

INTRODUÇÃO

A constituição e avanço da alternância no mundo e no Brasil está alinhado à reivindicação das populações camponesas por uma educação condizente a

realidade, singularidade, cultura e saberes dos camponeses. Frente ao descaso do Estado com a educação da juventude camponesa, a alternância constitui-se como possibilidade de escolarização, organizada por meio de objetivos e finalidades em respeito aos anseios e história de luta na e pela terra.

O ensino, via alternância, acontece organizado num processo de aprendizagem em tempos e espaços, alternados pelo estudante, assegurado pelos instrumentos pedagógicos, dentre estes a mística. Nesse sentido, objetivamos neste texto compreender as possibilidades da mística como instrumento pedagógico na formação realizada na EFAR.

A discussão parte da seguinte problemática: O que é mística? Quais os sentidos e significados deste instrumento na formação via alternância realizada na EFAR? No presente artigo, vamos refletir algumas experiências da EFAR, por meio de imagens e entrevistas. Foram entrevistados seis egressos e três representantes (docente, pai de egresso e militante da CPT) que participaram do processo de criação e constituição da escola. Ambos representados pelas siglas E.E (Entrevistado Egresso) e E.R. (Entrevistado Representante) acompanhados pelo número respectivo da entrevista.

Este texto está organizado em duas partes, em primeiro lugar, buscamos discutir o conceito dos sentidos e significados da mística, e num segundo momento, por meio de imagens realizar a releitura deste instrumento no cotidiano da EFAR inter-relacionando com as entrevistas de egressos e representantes da escola.

MÍSTICA: SENTIDOS E SIGNIFICADOS

Iniciamos nossa reflexão sobre os sentidos e significados da mística, procurando compreender os motivos que levam a EFAR a se apropriar deste instrumento no processo de formação dos estudantes.

Afinal, o que é mística? Por que utilizá-la? Qual a importância de concebê-la na escola como parte integrante do processo de formação? De acordo com Coelho (2014, p. 19), com base na experiência do Movimento dos

Trabalhadores Sem Terra - MST, mística é: “uma forma de ritual que acontece de diversas maneiras e com significados e sentidos”.

Neste sentido, Peixoto (2021, p. 198) compreende mística como sendo: “um elemento ligado aos sentimentos, alimentado pela esperança de alcançar o sonho, ideal, objetivo, seja lá o que se queira, o que é importante é que o sonho se transforma em causa consciente que se passa a viver por ela e rumo à ela”.

O autor afirma que a capacidade de contrapor e se indignar perante as injustiças é o que constitui os princípios de um militante, que este é um valor comungado coletivamente, é um compromisso que se reverbera na coerência entre palavra e conduta.

A mística possibilita aquele momento de reflexão, de conexão com os valores, princípios, memórias, é aquilo que causa indignação e instiga a resistir, sonhar, lutar.

A EFAR é criada no seio da luta dos movimentos sociais pela reforma agrária. Os jovens que ingressam para o estudo na escola, tem sua origem na luta pela terra, logo os motivos que faz cada jovem estar ali em formação, se justifica pela história de luta da família pela conquista e labuta na terra. Assim sendo, os sentimentos que envolve a mística já estão interiorizados em cada estudante, cabe à escola a missão de aflorá-los.

A gênese do que concebemos como mística, segundo Medeiros (2002, p. 146) tem forte ligação com as:

Igrejas Católica e Luterana, que contribuíram fortemente com o Movimento no início de sua organização e fundação. Além dessa influência, os Sem Terra assumem sua mística também como herança provinda da experiência acumulada historicamente por outros movimentos e organizações sociais que os antecederam na luta em defesa dos interesses dos excluídos socialmente, tanto em nível nacional como internacionalmente.

A mística é subjetiva e assume um sentido que perpassa o que é visível, há um mistério que envolve, emociona e transforma. Corroboramos com o que nos afirma Medeiros (2002, p. 146) do significado da mística “ao refletir sobre o significado da mística, que é adjetivo de mistério (*mysterion*, em grego, que

provém de múein, que quer dizer perceber o caráter escondido, não comunicado de uma realidade ou de uma intenção)”.
DOI: 10.12957/periferia.2023.74673

Segundo o autor, não há explicação lógica capaz de mensurar o significado da existência humana, num mundo tão complexo, que as respostas pela existência podem acontecer pela via do que é inexplicável: “[...] um ponto de chegada (resposta) que satisfaz a curiosidade de muitas pessoas e que lhes ressignifica o sentido de estar vivo” (MEDEIROS, 2002, p. 147).

Sobre o mistério que envolve a mística, Piatti e Souza (2021, p. 185) nos afirmam: “se mistério significa algo oculto, a mística é o oculto que se revela. É o símbolo que representa uma vida, uma história, uma conquista, uma vitória, um desafio”.

Sobre esse processo de experimentação e vivência da mística como algo intrínseco, subjetivo e inexplicável, Medeiros (2002, p. 151) salienta que:

Experimentar o mistério no bojo desse processo é sentir uma energia inexplicável que ergue corpos cansados, alimenta-os de rebeldia e os faz seguir sonhando e lutando pela afirmação do desejo de poder viver em uma nova realidade, liberta das correntes mantidas pelas forças opressoras.

Esse mistério que sensibiliza e desperta o homem a acreditar em suas convicções e que algo pode e deve ser feito, são possibilidades do que a mística possibilita. Esse processo não é algo teatral, cênico, robotizado, mas constituído pelo sentimento de quem vivencia. São movimentos, gestos e símbolos. Acerca disso, Piatti e Souza (2021, p. 185) afirmam mística como sendo um ato intencional:

São vozes que ecoam, símbolos que nascem, silêncio que fala, gestos que traduzem, olhares que expressam, corpos que se movimentam. A mística nem sempre é uma cena ensaiada, mas é momento que abrolha do contexto onde está inserida a luta, pois é um ato intencional.

A simbologia utilizada traz a reflexão memórias e sentimentos que possibilitam a reflexão sobre o que foi, o que é, e o que pode vir a ser. Sobre

esses momentos e a utilização dos símbolos, Medeiros (2002, p. 154-155) afirma que estes geram:

[...] a contemplação e despertam a sensibilidade e a humildade humana; o sentimento que leva um grupo de pessoas a eternizar na memória certos momentos vividos ou a cultivar símbolos que carregam para elas uma significação quase sagrada; a energia que possuem esses momentos e símbolos que, ao serem resgatados em uma celebração, as faz acreditar e caminhar na busca daquilo que parece impossível; as músicas, poesias, palavras, os gestos e olhares que traduzem uma convicção que alimenta o ânimo de um grupo fazendo-os enfrentar as dificuldades, se indignar, odiar, amar, sonhar e se entregar de corpo e alma a uma causa humanitária: tudo isso é a mística.

Ao refletirmos sobre os sentidos e significados da mística na formação humana e dos processos que desencadeiam na transformação subjetiva de quem a vivencia. Cabe-nos questionar os motivos pedagógicos que sustentam a mística como instrumento pedagógico no processo formativo realizado na EFAR.

O ensino via alternância constitui-se na contraposição aos valores do capital, a formação do camponês a partir de suas singularidades, cultura, saberes, anseios e experiências, e a integração entre os conhecimentos empíricos e o patrimônio cultural da humanidade é o que se propõe a EFAR.

A mística nesse processo assume o sentido de provocação, de reflexão e sobretudo de conexão com o sentimento de cada um, é algo subjetivo que emana da história de vida e da capacidade de compreensão e indignação.

Neste sentido, a formação via alternância realizada pela EFAR, tem a concepção que a educação é um processo intencional, de valores e princípios, sendo o campo e camponês protagonistas nesse processo. A utilização da mística, como instrumento pedagógico, contribui para a formação da criticidade e consciência de classe. Neste sentido, Piatti e Souza (2021, p. 183) nos alertam sobre os tensionamentos da educação no campo e as possibilidades da mística como instrumento de criticidade e compreensão da realidade.

Há uma cultura urbana, mas, sobretudo, há uma cultura da terra, da produção e do trabalho, ou seja, do modo de vida rural. Por isso, não é possível romantizar a vida no campo, pois ela sempre foi tensa no que diz respeito à relação do homem com a terra. Foi nessa permanente tensão, e não em uma relação ingênua, que se

produziram as matrizes culturais que ainda marcam esse contexto. Essas matrizes culturais devem ser levadas em conta no sentido amplo de cultura, de humanização, de historicidade e de práticas sociais.

Desses tensionamentos que fundamenta a existência da alternância, em não receber algo pronto, ditado por outro, a alternância não significa a transposição do modelo urbano de ensino para o campo, mas de ressignificar esse processo a partir das singularidades, vida e cultura do camponês. Nesse processo, a mística contribui na ressignificação do que se aprende, como e para que se aprende, os conteúdos não podem “despejados” sobre quem aprende, mas ressignificados dentro de um contexto de valorização e respeito aos sujeitos que ali habitam.

Sobre esse processo, Medeiros (2002, p. 146) nos aponta as possibilidades da utilização desta metodologia na escola:

A tentativa se faz ainda com a intenção de descrever a mística como uma metodologia que possibilita a esses sujeitos também a conquista de uma consciência que diga sobre como se produziu historicamente a sua condição social e que seja capaz de fomentar entre eles um tipo de convivência coletiva mais humana, contribuindo para a produção e a reprodução de valores, de um modo de ser e de uma maneira particular de perceber o mundo, que ajuda na elaboração própria ao grupo que a experimenta.

Assim, a mística assume um caráter pedagógico na escola, mas também podemos dizer que ideológico e sociopolítico. Pois quando há a reflexão perante os aspectos que a constitui, instiga-se a compreensão da organização social da sociedade. Neste contexto, Medeiros (2002, p. 155) salienta que:

[...] a expressão dos sentimentos, das convicções, da paixão e dos ideais toma uma corporeidade, material ou não, capaz de transformar as pessoas. Sem perder de vista que a própria mudança interna experimentada pelos seres humanos já significa, em certa medida, uma mudança de postura diante da realidade em que se vive, essa transformação se faz em seu sentido sociopolítico, quando impulsiona as pessoas a tomarem uma postura que gere atitudes concretas em busca de modificações significativas sobre a realidade da qual fazem parte.

Para o autor, a mística ao assumir um caráter sociopolítico suscita no indivíduo, além da autorreflexão e compreensão dos aspectos que lhe constitui

no mundo, a capacidade de posicionar-se com criticidade, na perspectiva de transformação da sociedade. De constituir uma sociedade justa, humana, coletivamente, de superação da condição de exploração do homem.

Ao discutirmos as possibilidades sociopolítica e ideológica como sentidos na concepção da mística, abrimos o precedente importante para a compreensão da importância pedagógica na formação escolar, “que é em si, ao mesmo tempo, método e conteúdo educativo, [...] Ou seja, a mística cultivada por um coletivo em luta é em si ideologia (conteúdo) e o mecanismo difusor (prática) da ideologia desse coletivo” (MEDEIROS, 2002, p. 158).

A mística contribui na concepção de uma formação de perspectiva emancipatória, que os estudantes compreendam a divisão social da sociedade capitalista e sua condição de trabalhador, esse processo pode despertar a criticidade e compreensão da sua identidade e de pertencimento a classe trabalhadora, despertando-o em como contribuir no processo de transformação da realidade social.

Há de se compreender a importância da mística como instrumento de emancipação do sujeito, de autoconhecimento. Piatti e Souza (2021) descrevem que o MST, enquanto movimento popular que luta pela reforma agrária, traz em seu interior a mística como elemento pedagógico identitário. Sua expressão dá mostras de sua própria trajetória. Os trabalhadores do campo são, inúmeras e repetidas vezes, expulsos de seu lugar, sua casa, por uma desigual competição de forças.

As mesmas autoras afirmam que é preciso compreender que a experiência com a mística em espaços educativos não representa um ato encenado, religioso, teatral, mas uma ação intencional de militância, impregnada de formas de manifestar a identidade coletiva de quem busca em cada espaço a compreensão das contradições existente no campo.

A MÍSTICA COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO NA EFAR

A mística é um importante instrumento que permite ao indivíduo o autoconhecimento e questionamento das condições e situações que o cercam.

No presente artigo, vamos refletir algumas experiências da EFAR, por meio de imagens e entrevistas, de como este instrumento é concebido no processo formativo da escola. Entretanto, sucintamente, refletiremos as raízes ontológicas da alternância na França em 1935 à criação da EFAR em 1996, para que assim possamos compreender os motivos que levam a escola a comungar da utilização deste instrumento.

A alternância surge em 1935 na França, como resposta dos camponeses franceses ao descaso do Estado perante a oferta de escola no campo. Preocupados com o desânimo da juventude em migrar para a cidade para ter acesso à escola, fato que desanimava os jovens em abandonar suas famílias com o trabalho agrícola e frequentar um ensino descontextualizado da sua realidade e interesse, fez com que camponeses com o apoio do Pe. Granereau, se desafiassem a criar uma alternativa de escolarização desses jovens. Após muitas reuniões, decidem conjuntamente assumir a formação de quatro jovens, inicialmente, alternando uma semana na paróquia com o padre em estudo e três semanas junto a família com o trabalho na propriedade. Esse processo ficou então conhecido como pedagogia da alternância, ganhou notoriedade e espalhou-se por todo o mundo.

No Brasil, a alternância chega em 1969 no estado do Espírito Santo, por meio do Movimento Promocional do Espírito Santo - MEPES, com apoio do Padre Humberto Pietrogrande. Numa situação similar à vivenciada pelos camponeses franceses, de descaso do Estado quanto a assumência da educação e com o agravante das imposições do regime militar, o camponês era relegado ao projeto de “modernização” imposto no país. Apesar dos entraves, a alternância gradativamente foi se expandindo por outros estados do território brasileiro.

Na década de 1980, são constituídos os primeiros assentamentos de reforma agrária no estado de MS, frente ao descaso do Estado com a disposição de políticas públicas para as famílias assentadas, dentre elas a educação, é discutida entre as famílias em reuniões com lideranças da CPT que algo deveria ser feito.

Neste contexto o Entrevistado Representante 1 (2021) relata os motivos e como foi o processo de criação da primeira Escola Família Agrícola via alternância no MS:

Nessa época a questão fundiária no estado era muito complicado, poucos assentamentos no Mato Grosso do Sul. A luta era muito intensa, nós tínhamos um latifúndio forte demais como temos até hoje, e o tema reforma agrária naquela época era muito aguçado, muito nervoso no processo. O COAAMS surgiu como uma organização da CPT mais social. Numa dessas assembleias de final de ano, a gente levantou algumas questões que estava dificultando a vida no campo, e foi levantado a questão da evasão dos jovens. Na época, os jovens se formavam no ensino fundamental, muitos assentamentos naquela época em 1992/93, não tinha ensino médio, aí a gurizada ou parava de estudar que é uma coisa complicada não estudar ou senão ia embora para cidade viver de subemprego e estudar. A Pastoral começou a estudar junto com assentados (lideranças) desses assentamentos o que podia ser feito. E foi numa dessas assembleias, final de ano, eu lembro até hoje! a Irmã Olga Manosso, da Congregação de São José, pediu a voz e falou: a gente podia montar uma estrutura igual tem as Casas Familiar Rural lá do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, da questão da alternância. E nessa assembleia de novembro para dezembro surgiu então a tarefa de a gente começar a estudar e montar uma Escola Família Agrícola. Montar essa estrutura da escola e manter a juventude no campo, com conhecimento de ajudar a desenvolver a propriedade dos pais, era uma saída necessária e urgente pra situação que enfrentávamos. Fomos em uma comissão de três pessoas para o Espírito Santo, e a partir daquela visita criamos a EFA-COAAMS. (E.R. 1, 2021).

Assim, após a visita da comissão à Escola Família Agrícola no Espírito Santo, inicia a organização da primeira experiência da alternância via Escola Família Agrícola no Mato Grosso do Sul.

A EFA-COAAMS², foi criada em 1996, utilizaremos a denominação atual da escola, EFAR. Esta é a experiência pioneira da alternância via Escola Família Agrícola para populações camponesas assentadas no MS, com o objetivo de possibilitar a educação integral de jovens camponeses frutos da reforma agrária numa perspectiva diferente dos defendidos pela educação patronal.

A alternância é constituída pela aprendizagem de forma dinâmica e contínua no movimento do estudante em tempos e espaços entre escola e

² Após definição em assembleia em 12/06/2006, a EFA-COAAMS passa a ser denominada pela sigla EFAR em homenagem ao diretor e um dos fundadores da escola Rosalvo da Rocha Rodrigues.

comunidade. Esse processo é assegurado pedagogicamente por meio dos instrumentos pedagógicos, que dão a ligação, integrando e inter-relacionando as vivências do estudante como parte do processo de aprendizagem.

Os instrumentos pedagógicos são engrenagens que possibilitam a alternância constituir-se como um processo concreto na aprendizagem do jovem. Esses instrumentos são organizados no plano de formação da escola, plano este construído coletivamente pela comunidade escolar (estudantes, famílias e docentes). Neste, é definido o percurso formativo a ser realizado pelo estudante e a contribuição de cada instrumento pedagógico.

A EFAR tem a mística como instrumento integrante da formação realizada pela escola. Ter a mística como princípio é evidenciar que o processo formativo da escola perpassa formar profissionais técnicos em agropecuária, mas o compromisso com a formação de sujeitos críticos, conscientes, uma formação voltada para a vida, “com a Pedagogia da Alternância se deixa para trás uma pedagogia plana, para ingressar em uma pedagogia no espaço e no tempo e se diversificam as instituições, bem como os atores implicados” (GIMONET, 2007, p. 19).

Na EFAR, a presença da mística é algo que está integrado ao processo formativo realizado pela escola e tem como objetivo levar o jovem a reflexão dos aspectos constituintes do seu *eu* e da sociedade que faz parte. Neste sentido, apresentaremos algumas experiências da EFAR com a utilização deste instrumento.

A cena a seguir, representa um dos momentos da utilização da mística na EFAR. Trata-se da avaliação quinzenal. Ao final, de cada ciclo escolar os estudantes avaliam como foi o período de formação na escola. Imbuídos pela reflexão do fechamento de mais um ciclo escolar, um monitor da escola, aguça para que cada estudante encontre na escola um símbolo que representa o sentimento que o representa naquele momento. No pátio, ao som de *O sal da terra*, canção de Beto Guedes, os estudantes foram se aproximando e deixando os objetos escolhidos. A imagem 1 apresenta os símbolos escolhidos.

Imagem 1 - Símbolos na mística



Fonte: Acervo Luiz Peixoto (2022).

Ao olharmos os objetos, não há como interpretar o que moveu cada estudante pela escolha do símbolo, mas de considerarmos a profundidade que representa. São memórias e sentimentos que partilhados comungam do senso coletivo que os instiga a lutar. Nesse processo, Piatti e Souza (2021, p. 188) apontam a representação do que a simbologia da mística traduz.

Em cada momento, a mística traduz o que os sujeitos do campo vivem em seus processos de vida e trabalho. É o gesto que inspira, a lágrima que revela, a gargalhada que ecoa, os rostos que reconhecem e traduzem uma luta que tem caminhos longos a serem percorridos. A mística não é um momento qualquer, em que a cena é apenas teatral e os personagens ensaiam. É o tempo de refletir sobre ideologias, confrontos, lutas, conquistas, fracassos e tudo o mais que nasce na luta pela terra.

Em outro momento, representado pela imagem 2, a seguir, temos a representação do encontro das famílias. Em círculo, no pátio da EFAR, a comunidade escolar: famílias, estudantes e equipe escolar. Ouvem atentamente a canção de Zé Pinto, *ordem e progresso*, e com ela a distribuição de sementes, adubações verdes. Ao centro: terra e água, motivados pela canção, todos os presentes, semeiam a semente na terra, junto com ela a esperança. É um momento de compromisso, de comoção, de sentimento pela terra e de motivação às famílias em assumir junto à escola a formação dos filhos.

Imagem 2 - Encontro das famílias na EFAR



Fonte: Acervo da EFAR (2022).

As famílias é um dos pilares de sustentação da formação via alternância. O compromisso e assumência do processo de formação em conjunto com a escola é um dos pilares que sustentam o processo formativo realizado. A mística é uma provocação, a semente no solo revela e fortalece a intenção do compromisso entre escola e família.

Segundo o Entrevistado Representante 3, pai de egresso, afirma qual a importância da mística na formação da escola.

Eu vejo assim, a mística alimenta. Nos levanta diante das fraquezas, porque não é fácil a vida no assentamento, todos os dias temos tantos desafios. Lembro das místicas no encontro das famílias, aquilo mexia comigo, ao mesmo tempo que fazia a gente lembrar da época do acampamento e das dificuldades pra conquistar nossa propriedade, nos dava ânimo, motivação para continuar, acreditar e participar da formação dos nossos jovens. (E.R.3, 2022).

Evidenciamos na entrevista o quanto a mística, possibilita ao alternante e a família a motivação para continuar a luta pela e na terra.

Outro momento, representado pela imagem 3, demonstra a autoavaliação semestral. Este é um instrumento de reflexão, avaliação e autoconhecimento. A autoavaliação na EFAR acontece semestralmente, cada estudante faz a reflexão de todo o processo de aprendizagem, convivência, fragilidades, dificuldades e avanços. É um processo de expressiva contribuição no amadurecimento pessoal e profissional do estudante, a partir de critérios

pré-definidos o estudante se autoavalia e é avaliado por colegas de turma, docentes, coordenação e direção escolar, é um processo de expressiva riqueza.

A autoavaliação se inicia com uma mística. A seguir, podemos evidenciar um desses momentos.

Imagem 3 - Mística na autoavaliação semestral



Fonte: Acervo de Luiz Peixoto (2022).

A imagem 3, retrata uma dessas experiências de autoavaliação, nesta ao som da música: *pra não dizer que não falei de flores*, de Geraldo Vandré, cada estudante fez a reflexão de um momento do período semestral de aprendizagem na escola que o marcou.

Ao final, aleatoriamente, foram colocando um calçado e falando em voz alta qual foi esse momento. Assim, ao apreciarmos a imagem 3, contemplamos o resultado desse processo. Ao olharmos as etapas vividas pelos estudantes não compreendemos a profundidade do que representa cada momento, compreendemos então que mística é isso! perpassa o que está expresso, é o encontro da experiência de vida e dos sentimentos que move o sujeito.

O Entrevistado Egresso 2 (2021), por sua vez, relata sua vivência da mística nas autoavaliações:

Mística é provocação do que o mundo apresenta e o que está em nosso interior. Lembro da mística na autoavaliação, era emocionante! Imagina pensar sua autoavaliação motivado pela mística. A mística ajuda a nos encontrarmos, a olhar pra dentro do nosso eu, sensibiliza, prepara pra ouvirmos e considerarmos a tudo que nos orientam, aconselham. A mística foi uma parte fundamental do que vivi, me ensinou a olhar para o mundo com um novo olhar e agir, sentir e agir. (E.E.2, 2021).

Evidenciamos o caráter pedagógico da mística, o sensibilizar, o ouvir, o avaliar e ser avaliado, exige amadurecimento, criticidade e empatia.

A seguir, a imagem 4 representa um momento de noite cultural. Esta atividade era realizada uma vez por sessão escolar, com apresentações teatrais, danças, poesias, sobre uma determinada temática, como introdução de cada noite cultural é realizada uma mística de abertura.

A experiência a seguir, retrata um desses momentos. Cada estudante ao entrar na sala com seu nome escrito num papel, acompanhados pela melodia instrumental, se deparava com tijolos e bandeiras, após um momento de reflexão, e ao começar a canção *Floriô*, de Chico César, cada estudante foi colocando seu nome ao redor e no abraço coletivo o fortalecimento da união na continuação da luta.

Imagem 4 - Noite cultural na EFAR



Fonte: Acervo de Luiz Peixoto (2022).

Sobre a Noite cultural e a utilização da mística como parte integrante na formação na EFAR, o Egresso Entrevistado 4 (2021), afirma que:

A mística era sempre um dos momentos altos da nossa noite cultural, era inevitável não pensar naquilo que a gente via. Cada quinzena na escola um grupo assumia a mística de abertura da noite cultural, geralmente era algo relacionado a vida no campo, sobre nossa história. Fazia a gente pensar a luta que tivemos no acampamento e agora no assentamento. (E. E.4, 2021).

O Egresso Entrevistado 6, ressalta a lembrança que tem da mística das noites culturais como sendo: “Momento de reflexão, inspiração, luta e resistência. De chacoalhar e ir à luta. A mística desperta com que não deixemos a luz que nos fez chegar até aqui apagar”. Evidenciamos a mística como instrumento de aprendizagem, de compreensão das desigualdades sociais e de como pensar na emancipação do sujeito via educação.

Para concluirmos apresentamos a imagem 5, nela está retratada o fechamento do plano de estudo: movimentos sociais do campo. Eis que no pátio da escola, em voz alta, um estudante declama:

Malditas sejam
Todas as cercas!
Malditas todas as
Propriedades privadas
Que nos privam
De viver e de amar!
Malditas sejam todas as leis,
Amanhadas por poucas mãos
Para ampararem cercas e bois
E fazer da terra, escrava
e escravos os homens!

(CASALDÁLIGA, 1978, p. 193).

Ao fundo, música instrumental, estudantes demonstram a vida do camponês que luta por reforma agrária, das cercas do acampamento à labuta da terra no assentamento.

Imagem 5 - Mística: a luta pela e na terra



Fonte: Acervo EFAR (2022)

Mística é memórias, é história, sentimentos, é resgate do que foi e projeção do que pode vir a ser. O Entrevistado Egresso 1, ressalta que “a mística nos desperta nossas raízes, nosso trabalho, se auto valorizar, se sentir fortalecido” (E.E.1, 2021).

Mística é vivenciar as tensões e inquietações da realidade, das perspicácias e artimanhas do capitalismo à vida do camponês, essa vivência não acontece como algo explicado por outro, mas que é sentido, vivenciado, algo que é real. Todo esse movimento é um encontro da observação com os sentimentos internos de cada um e nos compromissos e ações que isso pode suscitar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se, a mística um importante instrumento no processo formativo realizado na EFAR, é um encontro do estudante com sua história, memórias e dos motivos que o faz estar ali, permitindo refletir e compreender onde queira chegar.

Os sentidos e significados da mística apontam pra aquilo que é oculto, que é subjetivo, não é algo dado por outro, mas constituído a partir dos sentimentos da sua vivência, não se restringe a uma encenação teatral, mas um movimento intencional que visa suscitar a reflexão, indignação, em alimentar os sonhos e os sentimentos de onde quem vivencia.

A EFAR, ao se apropriar da mística no processo formativo realizado, evidencia o compromisso e o diferencial na formação integral do jovem, possibilitando que este compreenda a importância dos movimentos sociais, da organização e vida no campo, do compromisso com a luta do camponês, defesa pela terra e a compreensão que é parte da transformação que o mundo necessita.

REFERÊNCIAS

CASALDÁLIGA, Dom Pedro. *Antologia retirante*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

COELHO, F. (2014). *A alma do MST? A prática da mística e a luta pela terra*. Dourados, MS: Ed. UFGD.

ENTREVISTADO EGRESSO 1. *Sobre mística*. Entrevista cedida a Ricardo Pereira Alves, Campo Grande, 2021.

ENTREVISTADO EGRESSO 2. *Sobre mística*. Entrevista cedida a Ricardo Pereira Alves, Sidrolândia, 2021.

ENTREVISTADO EGRESSO 4. *Sobre mística*. Entrevista cedida a Ricardo Pereira Alves, Sidrolândia, 2021.

ENTREVISTADO REPRESENTANTE 1. *Sobre mística*. Entrevista cedida a Ricardo Pereira Alves, Sidrolândia, 2021.

ENTREVISTADO REPRESENTANTE 3. *Sobre mística*. Entrevista cedida a Ricardo Pereira Alves, Nova Alvorada do Sul, 2022.

GIMONET, Jean-Claude. *Praticar e Compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAs*. Tradução: BURGHGRAVE, Thierry de. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2007.

MEDEIROS, Evandro Costa de. *A dimensão educativa da Mística sem-terra: a experiência da escola Nacional “Florestan Fernandes.”* Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

PIATTI, Célia Beatriz; SOUZA, Jucelia da Silva. A mística na licenciatura em educação do campo: imagens, tempos, espaços e experiências. Revista *Imagens da Educação*, v. 11, n. 1, p. 179-197, jan./mar. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/50069>. Acesso em nov.de 2022

Recebido em: 02/04/2023

Aprovado em: 23/06/2023

Publicado em: 06/07/2023